

XII ENCONTRO DE EXTENSÃO, DOCÊNCIA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA (EEDIC)

OS AMORES E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA – RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA DDM DO SERTÃO CENTRAL DO CEARÁ

Jomábia Cristina Gonçalves dos Santos¹; Meury Gardênia de Araújo Lima¹; Julio César Ischiara²

¹Discentes do curso de Psicologia da Unicatólica; E-mail: jomabia13@hotmail.com

²Docente do curso de Psicologia da Unicatólica; E-mail: ischiarajc@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida em uma Delegacia de Defesa da Mulher – DDM – de um município no Sertão Central do estado do Ceará. O objetivo da pesquisa é compreender aspectos subjetivos e sociais que mantêm uma mulher que sofre violência doméstica na relação com seu companheiro. Para chegar-se a esta compreensão foram realizadas entrevistas não diretas inspiradas no método psicanalítico com mulheres que procuraram os serviços da DDM e aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Propõe-se então relatar e discutir como ocorreu o processo de execução das atividades propostas pelos pesquisadores, bem como questionamentos e desafios que surgiram no decorrer da realização das entrevistas e desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Mulher. Psicanálise. Relação Amorosa. Delegacia de Defesa da Mulher.

INTRODUÇÃO

Este trabalho delinea-se como relato de experiência, “apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica” (CAVALCANTE; LIMA, 2012). Portanto, enfoca-se o vivido e observado pelas pesquisadoras no desenvolvimento dos trabalhos, escuta dos sujeitos participantes e a relação com profissionais da instituição colaboradora.

Inquietamente, esta pesquisa indaga sobre o que mantém uma mulher em um relacionamento amoroso mesmo após sofrer violência. Negando a razão como timão da existência, o amor alavanca a condição humana de passividade frente a uma necessidade de ser amado e amar, ultrapassando as fronteiras do permitido e proibido dentro do contexto sócio cultural estabelecido e enraíza sofrer ilimitado, seja ele físico, psíquico ou moral.

A psicanálise, nascida na clínica, propõe-se a ouvir o sujeito para além dos discursos sociais vigentes, dando ouvidos a quem julga não saber o que dizer ou como explicar o próprio padecimento, o sofrimento psíquico. Diante disso, esta pesquisa apresenta uma interface, um elo, entre acadêmicos de psicologia e uma Delegacia de Defesa da Mulher no interior do Ceará, recorrendo a entrevistas não-diretas, dar ouvidos às mulheres que apresentam queixas de violência doméstica.

Após ouvir os relatos das participantes, recorreu-se aos conceitos postulados por Freud e Lacan como fantasia, narcisismo, masoquismo moral, desejo, entre outros, para nortear os discursos proferidos pelas participantes. Destaca-se aqui, que trata-se de inferência acerca do material colhido e que a dinâmica humana não se abarca em meros postulados, mas transcende-os.

A escuta psicanalítica, considerando o inconsciente estruturado como linguagem e trazendo o sujeito como agente de suas escolhas, ouve os porquês da permanência em laços devastadores como os que “encarceram” a amante em contexto agressivo e o fato da resistência em denunciar o companheiro e ir adiante com o inquérito.

METODOLOGIA

A ideia de pesquisar a temática proposta surgiu após uma visita realizada à Delegacia, onde a equipe responsável pela instituição informou sobre a grande reincidência de queixas e boletins de ocorrências registrados no sistema, aos quais muitos deles não eram levados a diante devido a desistência das mulheres de prosseguirem com as denúncias.

Partindo das questões levantadas durante as visitas, construímos o projeto que tinha como objetivo geral, compreender quais aspectos subjetivos mantêm uma mulher vítima de violência doméstica atada à relação amorosa com o seu companheiro agressor, e que visava também contribuir para acolhimento das mulheres que procurassem a DDM, bem como a possibilidade de encaminhamento destas para a clínica escola de Psicologia da Unicatólica.

O projeto então propôs a realização de entrevistas não diretas às mulheres que procuravam a instituição em busca de auxílio contra a problemática da violência doméstica. A escolha do uso de entrevistas não diretas se deu pelo fato de que nestas, procura-se fazer com que a pessoa entrevistada assuma o papel de exploração habitualmente detido pelo entrevistador, possibilitando uma investigação em maior profundidade (CUNHA, 2014).

As entrevistas foram realizadas no período de abril a novembro de 2015, individualmente, em uma sala cedida pela Delegacia de Defesa da Mulher, onde estávamos disponíveis em determinados dias da semana, possibilitando o acolhimento e a escuta às convidadas que aceitavam conhecer os objetivos e propostas da pesquisa. Durante esse período a pesquisa contou com a colaboração de 8 participantes. Às participantes da pesquisa também foram apresentadas o Termo de Consentimento Livre, que foi devidamente assinado por todas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constituiu-se em grande desafio estruturar considerações sobre o material, discursos, colhidos na pesquisa. No entanto, optou-se por refletir sobre o que se repetia, o que era comum nos discursos das várias mulheres entrevistadas, ousando inferir, a respeito dos penares expostos por elas.

Como o projeto de pesquisa é embasado na teoria psicanalítica, foi percebido a importância de deixar que as participantes falem livremente, sem direcionar questionamentos invasivos, que as constriam ou as coloquem em situações mais conflitantes. Além do mais, a associação livre possibilita que elas tragam os mais diversos assuntos, inclusive conteúdos de infância que refletem em suas posturas de adultos e são associados pela própria participante, possibilitando uma maior reflexão sobre si. Sobre a possibilidade de análise, no caso das entrevistas, “trata-se de condições e não de regras ou normas impostas por Freud, pois ele estabeleceu apenas uma única regra para a psicanálise: a associação livre...” (QUINET, 2009, p. 8).

Era nítida a necessidade das mulheres que participaram da pesquisa de serem ouvidas. De alguém que escutasse seus anseios, angústias e “justificativas” sem “juízo de valor diante da sua fala”. Elas relatavam ao final da entrevista que estavam aliviadas, que estavam se sentindo melhor, porém, no decurso da fala elas, se implicando na condição que se encontravam, demonstravam, em alguns questionamentos, sentimento de culpa. Uma delas, relatando a agressão e os motivos que levaram a ela, ciúmes do companheiro por ela ter visitado um amigo doente, indaga a pesquisadora: “*você acha que eu fiz errado?*”.

Inicialmente, vale ressaltar que as participantes creditavam as pesquisadoras um saber, pois adentravam na sala indagando sobre “o que fazer” diante daquela situação devastadora. Lacan destaca a suposição de saber creditada ao analista como pivô da transferência, e o amor como seu efeito. Nessa demanda de saber se sustenta a relação transferencial que possibilita o diálogo e o processo de fala e escuta. No âmago da questão conflitante essas mulheres buscam na figura do profissional psicólogo, no caso estudantes, alguém que diga o que é correto fazer. No entanto, elas buscam uma verdade no Outro quando só elas têm as respostas para as questões pertinentes as suas responsabilidades na condição que se encontram.

Na busca por um “norte”, delegando as escolhas da própria vida, as participantes esboçavam um sentimento de culpa, como se as suas escolhas, atitudes e/ou posturas, justificasse a agressão sofrida ou sua condição, muitas vezes, de impotência frente ao relacionamento amoroso.

Durante a realização de todas as entrevistas era necessário, por parte dos pesquisadores, o respeito à realidade psíquica das mulheres que foram recebidas. A realidade psíquica ou fantasia trata-se da única realidade que interessa ao sujeito, a partir da qual ele vê, pensa, sofre e fala sobre o seu sofrimento. (FIGUEREDO, 2002, p. 124).

Logo, ao associarem livremente as mulheres falavam da sua percepção sobre a situação em que estavam envolvidas e as pesquisadoras que escutavam não poderiam exercer nenhum juízo de valor acerca do discurso delas. FREUD em seu texto “Recomendações ao médico que prática psicanálise” (1912, p. 115), propõe àqueles que desejem utilizar-se do método psicanalítico que tomem por modelo o cirurgião, deixando todos os seus afetos e até mesmo sua compaixão de lado e concentrem-se em praticar a atenção flutuante para que não haja interferência no discurso do sujeito.

A sociedade em seu senso comum julga, por vezes, inadmissível que alguém se ponha em situações devastadoras. No entanto, há que se convir uma maior complexidade diante de tais casos, bem como considerar a singularidade de cada mulher que sofre violência doméstica, visto que cada uma tem sua bagagem própria de experiências e expectativas.

Sabe-se que fatores como questões econômicas, filhos, medo, vergonha, dependência afetiva, perpassam a vida de muitas mulheres que sofrem violência e podem influenciar no não enfrentamento da situação de violência. Outro aspecto de grande relevância e influência na tomada ou não de decisão diante da situação violenta, ainda é a cultura patriarcalista presente em diversos contextos sociais no Brasil.

A cultura patriarcalista compreende a mulher a execução de atividades mais voltadas para os cuidados com os filhos e atividades do lar, sendo o homem o responsável por assegurar financeiramente a família e os filhos. Segundo Wobeto (2013), o patriarcalismo na contemporaneidade, ganha uma nova roupagem, onde, “de forma sutil, quase invisível, a própria mulher sustenta o lugar de mando do homem, este com sua atitude deliberativa sobre a mulher, contribui, pois, com a construção social da subjetividade feminina”.

Parte das mulheres recebidas durante as atividades na Delegacia da Mulher vinham de um contexto social de vulnerabilidade, onde o patriarcalismo era muito forte. Algumas delas não exerciam atividades remuneradas e dependiam financeiramente dos companheiros, em seus relatos afirmavam sentirem-se preocupadas com a situação financeira da família caso prosseguissem com a denúncia.

Cunha (2007) aponta que mulheres podem demonstrar uma dependência afetiva do companheiro, elas demonstrariam uma incapacidade de agir, que cederiam a chantagem, sentem medo, culpa, vergonha e raiva, podendo esses fatores influenciarem na permanência das mulheres no relacionamento violento.

Uma participante afirmou que o relacionamento só continua por causa do “costume” e que acha que o amor já acabou. Em outra entrevista nos é relatado: “*as vezes eu penso que estou louca, eu não sei porque estou com ele, porque não me separo*”(sic). A partir desses relatos chegamos à conclusão de que além de aspectos sociais, econômicos, também existem aspectos subjetivos envolvidos na manutenção da relação de violência entre as mulheres e seus companheiros. Contudo, estes aspectos são individuais, e somente a partir da escuta do relato de cada mulher pôde-se chegar à compreensão destes aspectos subjetivos.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento deste projeto de pesquisa foi de grande importância para o conhecimento nós enquanto pesquisadores e estudantes, promovendo uma compreensão de que cada mulher vivencia a violência de uma forma distinta e que há motivos particulares para a persistência na relação, nos quais esses motivos não podem somente serem explicados pelas famosas frases “mulher gosta de apanhar” ou “não deixa por causa dos filhos”.

Conseguimos alcançar o objetivo de proporcionar uma escuta às mulheres que procuraram a Delegacia da Mulher e ansiavam por relatar o seu sofrimento a alguém que lhe desse ouvidos sem exercer julgamentos morais, por que nós enquanto estudantes de psicologia, não podíamos assumir postura diretiva e tomar partido da mulher ou do homem, ou da manutenção da relação ou separação dos dois. Por fim, a experiência obtida durante a realização das entrevistas nos proporcionou uma visão mais acolhedora e menos julgadora do fenômeno da violência doméstica, e nos instigou a pesquisá-lo em seus diferentes âmbitos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS) pela criação do Programa de Iniciação Científica (PIC) que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa, a Delegacia de Defesa da Mulher de Quixadá-CE por ter recebido os pesquisadores e permitido a prática deste trabalho, bem como a todos os mestres envolvidos direta ou indiretamente na criação e execução deste projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretária de Transparência DataSenado. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Março de 2013.

BRASÍLIA. Secretária de Política Para as Mulheres. **Conheça a lei que protege as mulheres da violência doméstica e familiar**. Brasília, 2012.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência doméstica**. Vitória da Conquista: Edições Uesb. Bahia, 2007.

FERREIRA, Nadiá P. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FIGUEREDO, Ana Costa. **Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público**. Editora Relume Dumará, 3ª edição, Rio de Janeiro, 2002.

FORTALEZA. Centro de Pesquisa e Assessoria ESPLAR. **Enfrentando a violência contra as mulheres**. Ceará, 2013.

FORTALEZA. Ministério Público do Estado do Ceará e Núcleo de Gênero Pró-Mulher do Estado do Ceará. **Mulher e Homem: Uma questão de gênero**. Ceará, 2013.

FREUD, Sigmund. Obras completas, volume 16: **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)** / tradução de Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. (1933) **Feminilidade**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1911-1913) **Recomendações ao médico que prática psicanálise**. Em Obras Completas Vol. 10. Companhia das Letras. Tradução: Paulo César de Souza.

MAURANO, Denise **A transferência: uma viagem rumo ao continente negro**— Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

QUINET, Antônio. **As 4+1 condições da análise**. Editora Jorge Zahar, 12ª edição, Rio de Janeiro, 2009.

WOBETO, Edna Mônica da Silva. **O feminino e a violência numa perspectiva psicanalítica**. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia/ UNIR. Porto Velho, Rondônia, 2013.